Ano 1.º — N.º 43

Guimarães, 3 de Fevereiro de 1917

O REPUBLICANO

PROPRIEDADE
— DO —
Centro Democrático Vimaranense

EDITOR E ADMINISTRADOR,
António de J. Teixeira
Comp. e imp. Tip. Minerva Vimaranense

REDACTOR PRINCIPAL,
Eduardo d'Almeida
Red. e adm. Rua de Gil Vicente

SENHORA DA LUZ

Dum velho e fiel amigo do tempo de colégio recebemos ontem uma carta, da qual vamos recortar alguns periodos:

...«Lembro-me ainda, e mais era bem criança, da alegre festividade com que êste dia era celebrado na antiga Colegiada. Vejo, não sei se entre o fumo do incenso se entre a névoa dos anos, a Virgem da Oliveira no altar florido e iluminado; o velho D. Prior, os conegos: a murça branca, compridas capas negras arrastando; a missa encantadora e perfumada da benção da luz: as velas de cêra, que, de cada família, um levava, e se acendiam nos oratórios, ás noites de trovoada, em piedosa invocação de *Santa Barbora* e S. Jeronimo. Lembro-me ainda e ha quantos anos vai?... Hoje, no espirito cansado, a linda e monotona toada do cantochão de esperanças ouço-a confundindo-se com um oficio de mortos, quebrantado e trágico, o *dies irae* num entêrro de paixões.—Velho altar erguido pelo meu inebriado coração, velinhas bentas que aplacais as tempestades da natureza, capelinha da Senhora da Luz—como um farol de graça entre os campos alagados de invernia—, sinfonias ondeantes de incenso, nuvens soluçando dos orgãos, eu vos recordo comovidamente, sol da mocidade que se esvaiu, morto, no horizonte da vida...

Senhora da Luz, porque não vejo—dizei-me, Rainha da Esperança—na implacável tormenta da agonia, além, para além do mar bravo que os musculos da vontade não podem já ultrapassar, mais alto do que as fragas onde se vai desfazendo, irisada de sangue—a purpura do ocidente ou ferida do coração?—, a espuma branca dos sonhos, muito mais alto que a movediça areia: a praia da Terra, o brilho enternecido da vossa Estrela, norteando para um agasalho de ninho ou para uns beijos de amor?

Ajoelho de nôvo a vossos pés, Senhora... tende compaixão do pobre caminheiro, sem arrependimento, é certo—ai! se o pudera ter...—, desgraçado filho prodigo, sem casa onde volte—quem encontrará o destruido lar da Fantasia?—donde partiu quando, ao repontar do buço, julgou ser homem, e logo, por atrós penitencia, se transformou em velho, êste mesmo que vos está suplicando, ó bemdito Lume na cerração da noite... Compaixão que não piedade. E' triste a experiencia do sofrimento. Eu já perdi a que deveria ser a minha Noiva, a incarnação na Mulher—«avé, cheia de graça...»—, do Ideal do nosso amor. O seu olhar, tão meigo e tão pérfido, era a minha Luz. Quando sorria, a sua bôca rosada era como um último sol de primavera florindo na minha alma. Julguei sentir uma vez, muito breve, um segundo apenas, o seu brando coração de virgem, palpitar sôbre o meu, como perdido, espirito que comunga com o nosso, inteiramente, para sempre, para sempre... Mas, brusca transição... como camélia que se levanta na altivês imaculada, os seus olhos de sedução velaram-se dum frio de neve, havia no seu ar o prazer do tigre jogando com a vitima, a imagem desfez-se—e nunca foi maior, Senhora, a minha solidão.

Senhora das Candeias, cegou-me a luz encantadora e falsa das paixões. Quanto melhor fôra que a não conhecera nunca... Perdoai-me: bem sei que me estou condenando á perdição eterna, o meu desvario é como seta alvejada ao vosso coração.—Deixai-me ver de nôvo, Senhora, a luz fatal da ilusão, ou então que morra... impenitente!»

Vive longe, o nosso amigo, e muitos anos decorreram sem que voltassemos a encontrar-nos. Mas a vida é em tôda a parte e para tôdos a mesma monótona semsaboria.

De Gustave Flaubert:

Cada uma das artes tem a sua lêpra particular, a sua ignominia mortal que lhe roi a face. A pintura tem o retrato de família, a música tem a romanza, a literatura tem a crítica e a arquitectura tem o arquitecto.

ANTOLOGIA

Não és tu

Era assim, tinha êsse olhar,
A mesma graça, o mesmo ar,
Córava da mesma côr,
Aquela visão que eu vi
Quando eu sonhava de amor,
Quando em sonhos me perdi.

Tôda assim, o porte altivo,
O semblante pensativo,
E uma suave tristeza
Que por tôda ela descia
Como um véu que a envolvia,
Que lhe adoçava a beleza,

Era assim; o seu falar,
Ingénuo e quasi vulgar,
Tinha o poder da razão
Que penetra, não seduz;
Não era fôgo, era luz
Que mandava ao coração.

Nos olhos tinha êsse lume,
No seio o mesmo perfume,
Um cheiro a rosas celestes,
Rosas brancas, puras, finas,
Viçosas como boninas,
Singelas sem ser agrestes.

Mas não és tu... ai! não és:
Tôda a ilusão se desfez,
Não és aquela que eu vi,
Não és a mesma visão,
Que essa tinha coração,
Tinha que eu bem lho senti.

ALMEIDA GARRETT.

VARIA

Dr. Miranda Monteiro

De Guimarães, onde veiu despedir-se da família judicial, partiu na quinta feira, para embarcar para a Ilha das Flores, onde vai assumir o cargo de Juiz de Direito, o snr. Dr. Miranda Monteiro que, com inexcedivel probidade e dedicação, aqui, durante os últimos anos, exerceu a magistratura do Ministério Público.

Na estreita convivência a que naturalmente nos obrigavam os nossos devêres profissionais, pudemos observar as excelentes qualidades do seu espírito e do seu caracter. O Dr. Miranda Monteiro estava bem á altura da difícil missão social que desempenhava: á inquebrantável energia dum austero magistrado aliava a noção humana do dever, o culto supremo da Justiça, que tanto é a condenação do culpado como o franco reconhecimento da inocência. Por mais duma vez, no decorrer de julgamentos crimes em audiência geral, sua Ex.ª teve a hombridade de modificar, convencido pelas provas, a acusação, sem que porisso um só instante hesitasse no mais meticulôso cuidado no apuramento da verdade.

E' um perfeito magistrado pela independência do espírito, pela firmêsa de caracter, pelo alheamento sistemático das relações que perturbam ou amolecem a vontade, porque vive unicamente para o seu elevado sacerdócio.

Não admira por isso que entre nós houvesse deixado as mais fundas e duradoiras saudades—nobre memória no espírito e na consideração de tôdos.

Parte sua Ex.ª numa hora perigosa, mas a profissão, como diz *Emile Faguet*—«*c'est l'ami de tous les jours, le compagnon, un être trés particulier qui tient du serviteur et du maitre*»—.

Com o intimo, sincero desejo de o podermos de nôvo abraçar bem cêdo, fazemos os mais ardentes votos pelas suas felicidades.

*

Fazem bem os monárquicos em ouvir pelo menos duas missas cada ano por alma de D. Carlos e do desventurado Principe D. Luís Filipe. E' a dura penitência, o amargo arrependimento por certo de muitos que prepararam e excitaram á sua morte, conluiando-se com os republicanos na luta intransigente, feroz de violência, descabelada de ódio, contra o rei, quando o rei, para salvar a monarquia, quiz trilhar o caminho do dever, correndo com a baixa politiquice dos partidos, procurando honestisar a administração e cercar-se de homens ainda não corrompidos dos vícios que enlameavam a Pátria e faziam perigar o trôno. Fazem bem os monárquicos que conjuravam na sombra, que fomentaram em tôdo o país animadversão contra o paço, que agrediam o rei nos jornais, com não igualado descaro, nos mais íntimos segredos da sua vida íntima, tôdos os que pelos seus êrros, pela ambição desmarcada, pela loucura da insaciedade lhe carrearam a morte e deitaram a perder a monarquia, afundando-se lamentávelmente.

Não é demais que ouçam missas, agora, pela sua alma.

*

Cantares andaluzes

Quer-me bem a pouco e pouco
Não tenhas pressa, meu bem.
Aquilo que me dá gôsto
Quero que dure tambem.

Quando chegas á janela.
Para me ver, desumana,
Meu coração fica em festa
Durante tôda a semana.

FERNANDES COSTA.

Conversando de politica...

Escrevemos na apresentação que, atentas as circunstâncias especialissimas em que nos encontravamos involvidos, procurariamos antes a palavra reconfortadôra da indispensável união entre portuguêses, hoje de facto solidarisados numa luta perigosa com um inimigo comum, forte e brutal, do que as sempre doentias explosões do partidarismo (ao qual nunca escravisamos, aliás, nem inteligencia nem acção) mas sem embargo da necessária defêsa e propaganda do nosso credo. E diz-nos a consciencia de assim o havermos cumprido, mêses seguidos, com desdem por aquela pequena parcela de vaidade, natural a tôdos os homens, tantas vezes chocada com a nauseabunda escorrencia de insultos com que procuravam, mas inutilmente, desviar-nos do caminho que nós traçaramos como o único satisfazendo a honrada profissão do jornalismo. Vamos quebrar, sem exemplo e por instantes, êste silencio porque nos desagrada que ele possa confundir-se com a cobardia, e não porque seja preciso afugentar a açulada matilha, ganindo raivosa, epileptica, com tanto maior endemoninhamento quanto maior é o desprêso com que encaramos as suas furiosas investidas.

Na eterna controvérsia doutrinária sôbre regimes politicos, o argumento mais explorado pelos monárquicos é o de que «só a monarquia, pela sua construção hierárquica, pelo organismo governamental e pela correcção de maneiras que a tôdos impõi, eficazmente pode garantir a ordem, evitando assim consequentemente a horrivel anarquia em que temos vivido e que, nascendo do poder, se reflecte com desastrado vigor nos actos mais vulgares e nos individuos mais rudes». Do exemplo experimentado duns agitados anos de democracia, «que nada respeitou—nem familia, nem religião, nem moral, nem costumes—, o caos legislativo e a ferocidade tiránica e lôrpa», concluem louvando-se como imprescindiveis salvadores, capazes de meter tudo na ordem, tornando respeitado o individuo, a propriedade, a justiça, e fazendo renascer, contra o carbonarismo indisciplinado, no homem manequim pela prepotencia o verdadeiro cidadão livre.

Não diremos contra a verdade, e não o permitiria a nossa independencia de espirito, que não tenha havido lamentáveis excessos, nem mesmo que a obra da Republica seja efectivamente, em tôdos os seus actos, conforme ao nosso ideal republicano. Mas, e como se não fôsse bastante para a fatal e terminante liquidação dos monárquicos a prova do que êles fizeram durante a monarquia constitucional, que degradaram a ponto de poder ser a Republica proclamada quási sem esfôrço e no meio da mais franca alegria de todos os portuguêses dignos da sua Pátria e da sua honra, os nossos adversários parecem empenhados em, ainda nesta hora, demonstrarem gritantemente a sua irremediável falencia.

Aproveitando a situação excepcional em que o mundo analisa as nossas qualidades e defeitos, quando a vida nacional tem de reger-se por principios tão anormais como ela, arremetendo com o fácil atrevimento dum estrangeiro numa família preocupada com o

sangue dos próprios filhos—se, arlequinêscamente, fingem vibrar de amor patriótico—*conformando-se com a nossa comparticipação na guerra*—, «sem quererem todavia quaisquer responsabilidades»!, vão continuando, como a hiena foçando entre cadaveres, com um não visto arreganho, num impeto como o do barbaro, a sua velha obra nefasta e que tende á completa dissolvência da família portuguêsa. Haja ou não haja guerra lá fora, a sua não desarmada ambição é que a guerra estale cá dentro. O programa é êste afinal—uma impiedosa luta fratrícida. Tudo lhes serve de pretexto—e estas... *pessoas honradas do partido ordeiro* .. lembram-se até de, no momento em que a vida se tornou dificilima, inventarem, ao modo inquisitorial, a rendição pela fome dos republicanos — como se, e como o antropomorfismo das suas crenças se revela evidentel, o nosso ideal andasse relojoado pelo estômago...

Impagáveis de hipocrisia, logo que a realização do intento veio irritar escandalosamente o bom senso público, bem sabemos que surgiram, com o vermelhão de indignados, trejurando que tal não fizeram nem queriam. Mas então em que ficamos? Trama-se o plano, defende-se a engenhoca e repulsa-se só porque é executada e os nomes dos «que se hão de render pela fome» aparecem impressos num papel?

Não!—mas esta é a sua moralidade jesuitica.

Tão boa era a... idea, que se defendeu com energia e calôr. Por isso se começou a executar. Mas ás claras. Ai! para que ás claras? Não seria muito mais cômodo, muito mais á monárquica, fazer a coisa pelo calado? E batem no peito, os sacripantas, arrepelando-se como a perdida do fado a quem o rufia encontrou com o rival...

Que a tôrpe invencionice só nos desperta o riso. Dela apenas quizemos aproveitar o indiscutível significado que tem para os que se apresentam como sendo os únicos capazes de fazer voltar Portugal a uma idade de ordem e de juizo. Como os antigos corsos, os monárquicos andam agora resando com fervor: «O' meu Deus, consenti que eu hoje possa matar o meu inimigo»!

E' uma coisa bem triste a politiquice e felizes são aquêles, como nós, que conseguiram elevar-se acima das suas paixões mesquinhas, tão baixas que se não duvida já de, criminosamente, propalar em voz alta as infamias que os *souteneurs* ouvem ás péçoras, com uma imbecilidade e uma falta de decôro que, francamente, nos dá vontade, fazendo as armas de S. Francisco, em continência, de pedir licença ao leitor para mandar tudo isto... á merda.

A duração da guerra

Os neutros não hesitaram em fornecer os beligerantes, não obstante os riscos corridos; o preço do frete aumentou apenas em proporção. Em fim: a guerra alimenta a guerra. E' uma doutrina que estava perfeitamente assente na Alemanha, onde uma teória quási oficial fazia da indústria da guerra um dos principais factores da riqueza nacional.

.....

*

Vejo que hoje nenhum homem de bom senso, de espirito seguro pode crer que a guerra acabará no fim da próxima boa estação, como firmemente se esperava em cada primavera dos dois anos precedentes.

A guerra será forçosamente ainda demorada e o seu termo não é fácil de determinar. Precisamos pois de nos armar de paciencia e bom humor. Não há nenhuma intervenção miraculosa a esperar; pode acontecer, porêm, que haja mudanças notáveis na direcção da guerra, e que dessas mudanças tenham uma rápida repercussão no seu termo. Mas isto é ainda muito improvável. Todas as fôrças actualmente em jôgo trabalham com excessiva intensidade, e as que imprimem as nossas direcções apoiam-se em sólidos fundamentos. Um oficial do nosso exército, o capitão Z.... num livro cheio de espírito e de confiança, muito reconfortante, atribue a *Douglas Haig* uma frase típica sôbre a duração da guerra. Acho a frase típica porque é a expressão duma sinceridade perfeita, e pinta ao vivo a calma, a fleugma, o sangue frio duma raça; é absolutamente *representativa:* «Os cinco primeiros anos de guerra serão os mais duros», teria respondido o comandante em chefe do exército inglês a uma pergunta indiscreta sôbre a duração da guerra. Sem conceder mais importância do que tem a esta rude saída, reconheceremos que contêm uma parte de verdade, autorizando-nos a pensar que as horas que temos vivido até aqui terão sido as mais penosas da guerra. E' racional supor que as que temos a viver ainda antes de atingirmos o final da luta serão cada vez menos duras, á medida que virmos completar-se cada vez mais a preparação material dos aliados. Ao mesmo tempo, as manobras convulsivas dos nossos inimigos diminuirão de amplitude e resultarão menos eficazes. A besta ha de encolher-se sôbre si própria.

JEAN NOREL.

CARBUNCULO

Por se tornar indispensável, num meio em que prepondera a indústria de cortumes, e onde ha tambem a de pentes, o conhecimento desta doença infecciosa, vamos, suspendendo por algum tempo os artigos que vinham sendo publicados nesta secção, dar aos nossos leitores, sôbre ela, alguns conhecimentos úteis.

I)

*

O carbunculo é uma doença infecciosa devida á presença dum parasita específico, o *bacillus anthracis*, a *bactéria carbunculosa*. Aparece no sangue, na saliva, no pús, no baço dos indivíduos atingidos, na forma de filamentos imóveis, transparentes, por vezes segmentados, no meio dos quais se desinvolvem corpúsculos refringentes: são os espóros que, durante a reprodução, são postos em liberdade.

O carbunculo é comum aos *animais* e ao homem. O contágio faz-se dum para outro, muitas vezes indirectamente e com demora, porque os espóros, resistentes, persistem muito tempo depois da morte do animal. Os mais atingidos são o carneiro e o boi, mais raramente o cavalo, o jumento, o macho. As aves não o contraiem por causa da sua temperatura elevada, desfavorável á bactéria; mas se, experimentalmente, se arrefece o animal, o carbunculo desinvolve-se. Certas qualidades de gado parecem refractárias; apontam-se mesmo certos animais, em que a inoculação deu resultados negativos... A resistência individual entra tambem em jôgo, e a doença recrudesce na época das feiras, em que os animais andam cansados e aglomerados.—O animal doente é tomado por uma febre repentina, de evolução rápida, com hemorragías pelas narinas e hematúria (emissão de sangue pelas vias urinárias), edêma difuso, mole, não crepitante, sinal que o distingue do emfisema, do «carbunculo sintomático», ao qual o homem é refractário. A morte sôbrevem em pouco tempo, por asfixia, devida quer á grande afinidade de bactéria para o oxigénio, quer a embolias pulmonares microbianas, ou ainda, como a tôdas as infecções, á toxemia (conjunto dos accidentes provocados pelas toxinas). Na autópsia encontra-se o sangue negro, viscôso, o baço escuro, equimosado, as visceras congestionadas, os ganglios enfartados e sanguinolentos. Nas mucosas uma erupção furunculosa.

A carne toma, exposta ao ar, uma côr de escuro carregado que chama a atenção.

Os cadáveres infectam a terra em que apodrecem, as pôças e os veios de agua junto dos quais os deixaram; as môscas que nêles poisam transportam o virus e vão inocular outros animais e o homem.

O enterramento não impede a disseminação dos espóros; os vermes reconduzem-nos á superfície, os pastos ficam maculados, os animais inoculam-se pela bôca, e o carbunculo animal torna-se endémico nêsses «campos malditos».

As partes dos animais utilizados na indústria *conservam muito tempo a propriedade de transmitir o carbunculo; as peles sóbretudo, as crinas e os cornos ficam infectados,* mesmo depois do cortume e das diversas preparações por que passam; as botas, as luvas, os arreios, o cêbo e até a cola são objectos de contágio.

A inoculação faz-se ao nível duma arranhadura, dum corte dos tegumentos.

O lugar preferido da pústula maligna será nas partes descobertas do corpo: cara, pescôço, hombros, mãos, etc....

Certas profissões estão muito sujeitas, vaqueiros, criadores de gado, esfoladores, curtidores, seleiros, etc. O contágio de homem para homem é excepcinnal. Algumas vezes a bactéria entra pela via pulmonar quando os espóros são veículados na poeira da selecção de lã, manipulação de velhos trapos, e a absorpção produz-se nos indivíduos que respiram nos lugares infectados; e, pela via digestiva, em seguida ao consumo de carne infectada.

Associação Comercial de Guimarães

CONVOCAÇÃO

São convocados os sócios desta Associação para se reunirem em Assemblea Geral no dia 6 de Fevereiro, pelas 8 1|2 horas da noite, a fim de, em conformidade com o n.º 1.º do art.º 7.º dos estatutos, ouvirem lêr o relatorio da direcção, apresentação de contas, nomearem uma comissão para exame das mesmas e apreciação dos atos da gerencia.

Não comparecendo numero legal de sócios efectuar-se-á a mesma com qualquer numero, no dia 15, á mesma hora.

Guimarães, 31 de Janeiro de 1917.

O 1.º secretario,

Eduardo de Lemos Mota

João Monteiro de Meira

(Continuação)

O que Meira foi como professor di-lo o snr. dr. Maximiano Lemos, seu velho amigo, o autor notável de "Ribeiro Sanches„, "Amato Luzitano„ e tantas obras de incontestado mérito que lhe acarearam a sólida reputação de um dos mais insignes historiadores da medicina em Portugal:

"No exercicio do seu cargo de professor o João de Meira assinalou-se pela dedicação ao trabalho na regência de uma cadeira difícil para a estreia de um professor, a de Medicina Legal. Não imagine que eu lhe vá dizer que o suponha um Casper, um Hoffmann ou um Brouardel, mas daquela massa é que êles se fizeram. Tudo a isso o conduziria naturalmente, a circunspecção com que formulava os seus juizos, a austera serenidade com que encarava a sua missão, o estudo constante a que se votára„.

Além de muitas dezenas de

FOLHETIM

N.º 14 3-2-1917

F. Petrucelli de la Gattina

Memórias de Judas

(tradução expressamente feita; direitos reservados).

IV

O anfiteatro de Jerusalem fôra construido pelo rei Herodes.

O rei sabia perfeitamente que a lei judia proibia aquêle genero de espectaculos. Mas experimentava êste meio de sedução, como experimentara tantos outros meios nobres, uteis, politicos, humanos para partir a muralha de aço que separava os Judeus da comunhão dos outros povos do Oriente e do Ocidente. Nada conseguiu assim, nem com tôdas as suas outras concepções, demasiado inteligentes para um pôvo tão acanhado e inculto.

O anfiteatro, no tempo de Herodes, estivera sempre cheio, como hoje o de Pilatus, de espectadores vindos expressamente da Grecia e do Egito—de Damas a Memphis, de Gaza a Tyro,—das cidades grêgas e romanas que se elevam na terra dos filhos de Jacob,—Cesarea, Gadara, Sephoris, Pella, Scythopolis, Hippos, Phasaelus, Tiberiada. Tambem as cidades da Samaria se tinham despejado, dirigindo-se tôdos ás festas de Pilatus, que coincidiam com as dos Tabernáculos dos Judeus. O vasto circo regorgitava de gente, dêsde manhã.

Havia Judeus tambem mas dos dois partidos extremos: a aristocracia saducea, e a plebe infima que se não classifica, mas se amontôa. Não havendo entre nós vestais, o podium fôra destinado ás damas mais finas, as quais pagavam uma espórtula de entrada especial. As bancadas superiores eram ocupadas por mulheres, quasi tôdas de veu; as primeiras filas pelos homens de condição mais elevada, magistrados, principes, chefes de milicias, sacerdotes, antigos oficiais das sinagogas. Uma grade, pouco alta todavia, protegia-os contra as fantasias das feras, que procurassem fora da arêna um lugar onde desempenhar o seu papel. Numa extremidade da oval, a nove ou dez pés acima da arêna, estava o balcão de Pilatus—em frente do podium—separado dos outros espectadores unicamente por uma corda de sêda e oiro estendida dos dois lados, da grade aos ultimos degraus. Adiante dêste espaço, em duas cadeiras de marfim incrustado a oiro e cobertas de purpura, sentavam-se Claudia Procula, poisando os pés em almofadas de sêda azulada com bordados de prata, e Pomponius Flaccus, tendo aos pés um tapête da Persia. Atrás, a côrte e os oficiais. Pilatus ocupava uma cadeira especial, pouco afastada, como dirigente do espectaculo, porque não havia, em Jerusalem como em Roma, nem edis, nem directores especiais para o efeito. Um velarium tecido de branca lan de Bethania com listas vermelhas de lan de Sidão resguardava um pouco o vasto recinto.

A variedade de costumes dos espectadores acariciava o olhar. Mas aquêles que tinham ido alguma vez na vida, aos circos romanos e aos hipódromos grêgos, onde o pôvo é tão alegre, tão barulhento, julgariam ver, nesta multidão tão tranquila e tão séria, uma assemblea que assiste a um processo capital num páteo de justiça. Demais êsses combates com o césto, êsses gladiadores, uns combatendo com duas espadas, outros com os olhos vendados, outros armados de escudo, de fouce e com um capacête sôbre o qual havia a figura dum peixe, como puderiam comover as pessoas que, na véspera, tinham sido arrastadas na estranha caçada dos soldados romanos ao pôvo judeu, ferindo peitos, dorsos, flancos, degolando cabeças, partindo membros e correndo para a frente, sempre para a frente por sôbre cadaveres, feridos, moribundos? Não havia uma familia judia que não estivesse de luto: donde pudia brotar a alegria? Ninguem conhecia os combatentes, ninguem apostava por um ou por outro: donde pudia nascer o interesse? O pôvo judeu tem a sensualidade da beleza, como tôdas as raças orientais, mas não o sentimento do belo, como o Grêgo e o Romano. O pôvo judeu teme a fôrça, desconfia da agilidade; nada admira, nada cultiva, nada aprecia mesmo, como o Grêgo e o Romano. Como apaixonar-se pelas belas formas dos gladiadores grêgos; pela admirável agilidade dos *dimachéres* italianos, que, combatendo á espada ou com o punhal, sem armas defensivas, se matavam uns aos outros; ou pela agilidade dum *rétiaire* ou dum *mirmillon*, um morto, outro ferido de morte? Apenas despertou algum riso a inabilidade dos *andábates*, gaulêses, dos quais um—combatendo com um capacête apenas aberto na bôca e nas orelhas, ficou sem um braço, e o outro com a barriga de fora. Tudo isto corria friamente.

artigos esparsos por jornais, revistas médicas e literárias, relatórios médicos, etc., consegui arpoar os seguintes trabalhos publicados em livros:

1) *Cartas de Camilo Castelo Branco a Francisco Martins Sarmento.*—Pôrto, 1905—com prefácio e notas. Separata de "A Revista„. São 11 cartas e 2 cartões, cujos autógrafos examinei e que lhe haviam sido ofertados pela viuva do illustre arqueólogo.

O meu exemplar, com gentil dedicatória, tem do proprio punho do editor os trechos das carta XII, que substituira por reticências, além duma outra carta, que, por justificado melindre de ocasião, não publicou. Tratava-se de alguem que era então vivo e cuja sensibilidade Meira não quiz maguar, reproduzindo a acerada ironia de Camilo. Não ha hoje, desaparecendo aquêle motivo, razão para omitir aquela passagem, dum burlesco e duma justeza de observação admiráveis. A carta ficará para outra ocasião —que eu presinto quási exgotada a magnânima benevolência do snr. Conde de Castro e Sola neste desmesurado alongar-me a entretecer futilidades e a esfiar recordações pungentes. Eis os trechos truncados: "Ai! os nossos retratos! Credo! Você parece um ferocissimo salteador da Calabria; eu dou ares de um invalido brigadeiro das antigas milicias a expirar de s... cancerosa *(as reticências são minhas, em holocausto a certa convencional e hipotética decência)* no hospital de Runa. Que autopses fará a posterid.º nas carrancas do *Obulo!* As crianças a q.m a esmola é feita serão as primeiras a tremer de medo dos 2 bemfeitores. Todo o livro plasticam.to está irrisorio. Ouvi ler os kilometros de lettras do Moutinho e fiquei hypnotisado para todo o immenso. Pois toda aquella trapalhada de tarjas e figurinhas e figuroens vae render q.tas superior a 10 contos de reis que convertidos em escola de primeiras lettras darão quinhentos patifes p.a a Res Publica. Eu se soubesse que o Obulo era para fazer litteratos, pedia o obulo para mim que já sou litterato feito e desfeito„. Sanguenta e pungitiva ironia! A alusão é evidente, ainda para os menos devotos de Camilo: o colector — Joaquim Ferreira Moutinho o livro—*Óbulo às crianças.*

Pela imprensa

Entrou no vegéssimo quinto ano o nosso estimado colega de Fafe—«O Desforço»—, ao qual apresentamos por isso os nossos afectuosos cumprimentos, com sinceros votos pela sua prosperidade e de seu director, o nosso bom amigo Arthur Pinto Bastos, velho republicano ás direitas, que pela causa, no tempo da monarquia, e até hoje, num meio hostil, se tem honradamente sacrificado com abnegação, desinterêsse e carinho porventura nem sempre reconhecido.

*

Recebemos mais dois números d'*O Poveiro*, orgão de propaganda da Póvoa de Varzim em Manaus e um do *Portugal Moderno* que, em Buenos Aires, continúa galhardamente na sua patriótica missão.

Os nossos agradecimentos.

NOTICIOSA

Comissão Executiva da Câmara

Numa das suas ultimas sessões, a Comissão Executiva da Câmara, nomeou, precedendo concurso, professora da escola mixta de Azurem, D. Beatriz de Jesus Pires da Veiga, da escola de S. João das Caldas de Vizela.

Nomeou, interinamente, professora da escola central (sexo feminino) D. Siberina de Jesus e Sousa.

Concedeu licença para o estabelecimento duma fabrica de fiação e tecidos de algodão na freguesia de Moreira de Cónegos à firma comercial Viuva de José de Almeida Guimarães & Comp.a.

Concedeu 30 dias de licença, para tratar da sua saúde, a D. Albertina Mendes, professora na freguesia de São Paio de Vizela.

Concedeu diferentes licenças para obras.

Aprovou o registo dos preços dos generos e cereais vendidos nos mercados deste concelho, durante o ano findo de 1916.

Aprovou o projecto para a obra de reparação e melhoramento do edifício escolar da freguesia de S. João das Caldas de Vizela, e bem assim, aprovou os projectos da construção, terraplenagem e obras de arte, da parte do lanço de Vermil a S. João de Airão, da estrada concelhia n.º 8, de Paradela à Ponte de Brito, e de reparação e melhoramento do caminho público, desde o logar da Quintã à estrada municipal n.º 11, lanço de Donim, aquêle orçado em mil escudos, e êste em trinta.

Na sua última sessão, exarou na acta um voto de sentimento pela morte do sr. Manoel de S. Boaventura Mendes Guimarães, pai do vereador sr. José Lerdeira Guimarães, e mandou, por proposta do presidente, sr. Mariano da Rocha Felgueiras, suspender, até o fim da guerra, o registo dos carros.

*

Um "pasquim„

Foi, estes dias, distribuido na sombra e sob o covarde e estafado manto do anonimato, um «pasquim» epigrafado «Aos monarquicos de Guimarães» no qual se pede a estes para exercer a *boycottage* contra determinadas casas comerciais, por serem propriedades de republicanos, adversários políticos que é preciso fazer render pela fome!!...

E' tão baixo, tão repugnante e ridículo o gesto, que não merece as honras dum comentário.

*

Hospital da Misericórdia

Continua o correspondente nesta cidade para o «Janeiro» na sua campanha contra as ordens do provedor deste hospital sobre visitas aos doentes.

Toda a justiça lhe assiste, a razão é sua; por isso, estamos de acordo, colega, e secundamos a campanha.

Sr. provedor, não faça «orelhas moucas» que não são «palavras loucas» as reclamações da Imprensa, as reclamações dos pobres. Seja humano, faça justiça, senão deixe o cargo para quem (e não falta) tenha qualidades de generoso e justo, predicados indispensáveis aos que são incumbidos dessa missão e V. Ex.a está a revelar não lhes ser afecto.

*

Falecimentos

Victimado pela tuberculose, faleceu o zelador municipal, sr. António Dias.

*

Está de luto, por falecimento de sua sogra, ocorrido na freguesia de Moreira de Cónegos, o sr. Acácio Machado da Silva Faria Oliveira, amanuense da secretaria da administração do concelho.

As nossas condolências.

*

Mercado de cereais

O preço do milho, nos últimos mercados, foi de 1$16, a medida de 20 litros; o do centeio, 1$20, a mesma medida. Ovos, $18 a dúzia.

*

Nova sociedade comercial

Participam-nos as firmas Costa, Lerdeira & C.a, António José de Oliveira, Filhos, e os srs. Abel de Oliveira Bastos, António Francisco Ferreira de Castro e Francisco de Assis da Costa Roriz que, por escritura outorgada perante o notário desta cidade, sr. Armando da Costa Nogueira, se constituíram em sociedade comercial, em nome colectivo, sob a razão social de Oliveira, Castro & C.a, tendo por objectivo o comércio de cutelarias, ferragens, calçado e outros artigos da indústria vimaranense.

Muitas prosperidades.

*

Assuntos militares

Conforme o requisitado pelo comandante de infantaria 16, a autoridade administrativa faz público que tôdas as praças com licença registada, ou licenciadas que tenham conhecimento da profissão de *chauffeur*, motociclista ou condutor de automóveis o devem declarar até ao dia 4 do corrente mês de Fevereiro; isto para as que pertençam a infantaria 16 e se achem domiciliadas neste concelho.

*

Também, por intermédio da autoridade administrativa, é feito o convite ao 2.º sargento n.º 219, Amândio Pacheco Dias de Freitas, domiciliado na freguesia de S. Sebastião, desta cidade, para prestar serviços de amanuense no Asilo de Inválidos Militares, competindo-lhe também os serviços de dia ao estabelecimento e rondas na localidade, com o vencimento do seu pôsto e a gratificação mensal de 4$80. Este convite é feito a requisição do comandante do 8.º esquadrão de reserva, com sede em Braga.

*

O 31 de Janeiro

Comemorando esta data histórica, houve as demonstrações festivas do estilo.

O quartel da Guarda Republicana e esquadra de polícia estiveram franqueadas ao público, mostrando garridas decorações.

*

Carteira

Está quási restabelecido dos seus incómodos, o snr Manuel de Freitas Aguiar, secretário da administração do concelho.

*

Está bastante enfermo o capitalista vimaranense sr. José Rodrigues da Silva.

*

Passou na segunda feira, desta semana, o aniversário natalício do ilustre reitor do liceu, nosso amigo, sr. José Luís de Pina.

Os estudantes, manifestando-lhe o subido aprêço e estima que lhe tributam, dedicaram-lhe uma festa, a que cordialmente nos associamos.

*

Há amanhã festividades religiosas, com arraiais, nas freguesias de S. Lourenço de Selho e Caldelas.

TEATROS

Gil Vicente e Afonso Henriques

Domingo, 4

Continua a exibir-se, nos nossos teatros, a extraordinária pelicula

MISTERIOS DE NEW-YORK

(Drama Policial)

COM

OS CONTRABANDISTAS DE OPIO

E

A INVENÇÃO DE CLAREL

Banco do Douro

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lamego

Reunião da Assemblea Geral em Lamego

no dia 15 de Fevereiro de 1917

Convido os snrs. accionistas do Banco do Douro a reunirem-se em assemblea geral ordinaria na séde do mesmo Banco, ás 12 horas do dia 15 de Fevereiro proximo, para apreciarem e julgarem o relatorio e contas da direcção e o parecer do conselho fiscal, respeitantes ao anno de 1916.

Lamego, 24 de Janeiro de 1917.

O presidente da Assembléa geral,

Antonio Caetano de Souza Girão.

CONCURSO

A Comissão Executiva da Câmara Municipal do concelho de Guimarães, distrito administrativo de Braga

(1.ª Publicação)

Faz publico que se acha aberto concurso documental por espaço de trinta dias, a contar da ultima publicação do presente anuncio, para o provimento do logar vago de Zelador Municipal, com residência nesta cidade, e direito ao vencimento anual de cento e cincoenta escudos e metade das multas que por sua intervenção forem aplicadas e arrecadadas.

Os concorrentes deverão apresentar na Secretaria da Câmara Municipal, dentro de aquele praso, os seus requerimentos instruidos com os documentos exigidos pelo decreto regulamentar de 24 de Dezembro de 1892 e Regulamento dos Zeladores municipais, votado pela Comissão Executiva da Câmara em sessão de 26 de Março de 1915.

E, para constar se passou o presente e outros de igual teôr que vão ser afixados e publicados nos termos da Lei.

Guimarães, Paços do concelho, 1 de Fevereiro de 1917. E eu *José Maria Gomes Alves*, Chefe da Secretaria o escrevi.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

A Junta de Paroquia da freguesia de São Sebastião.

(1.ª Publicação)

Para os fins e efeitos do art.º 8.º da lei n.º 621 de 23 de Junho de 1916, faz publico que no dia 18 de fevereiro proximo, pelas 10 horas, se procederá ao referendum que os cidadãos eleitores d'esta freguesia tem de dar sobre a percentagem a votar na contribuição paroquial, que tem de constituir receita para ano corrente. Para constar se passou o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos logares do estilo.

Guimarães, 30 de Janeiro, de 1917.

O Presidente,

José d'Oliveira Meira.

Estância Termal das Taipas

(Situada a 14 quilómetros de Braga e 8 de Guimarães)

Aguas meso-termais, hipo-salinas, sulfúrias, carbonatadas (sódicas e cálcicas), cleretadas, litinadas, silicatadas, fluoretadas, arsenicais, *radioativas*.

AS UNICAS ÁGUAS DO PAÍS PARA A CURA DAS DOENÇAS DE PELE

Tratamento das afecções dos aparelhos respiratórios, digestivos e génito-urinário; reumatismo; manifestações artriticas e sifliticas

Tratamento das doenças das Senhoras sob a direcção duma Médica

Instalações completas para electroterapia

CLÍNICOS DA EMPREZA:

Drs. Alfredo Fernandes e Celeste Azevedo Fernandes

ÉPOCA TERMAL—1 de Maio a 30 de Outubro

INTERNATO MUNICIPAL

ANEXO AO LICEU NACIONAL DE GUIMARÃES

COM DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO AUTÓNOMAS

Director pedagógico—Dr. Eduardo d'Almeida.
» disciplinar—Cónego António da Silva Ribeiro—Secretario e professor do Liceu.
» administrativo—José Caetano Pereira.

Instrução primária. Montou-se uma *aula modêlo* com professor habilitadissimo. Alunos internos e externos.

Instrução secundária. Cursos dos liceu—no Liceu de Guimarães, *no mesmo edificio*. Curso de 6.ª 7.ª classes—habilitação por distintos professores. Para êste curso admitem-se externos.

Intrução profissional. Curso de comércio—indispensavel a todos os que se destinam à vida comercial ou desejam sair do país. Scientificamente organizado, competentemente dirigido, técnico, prático. Internos e externos. Admite-se a matricula avulsa em qualquer cadeira. Preços convencionais para empregados de comércio.

Instrução artistica. Atelier escola—Expressamente construido. Cursos de desenho e pintura—professor o distinto Artista Abel Cardozo, pintor, director e professor da Escola Industrial. Aula de música-canto-dança—por um competente professor.

Educação física e moral. Inspecção médica permanente—Médico: Dr. João de Almeida, professor do Liceu. Quartos especiais para doentes. Aula de higiene—gratuita e obrigatória para todos os internos. Balneario—duches, banhos em tinas de marmore. Educação moral e civil—palestras e conferências pelo director pedagógico. Gimnásio académico—exercícios fisicos. Sessões literárias e musicais. Grupo de escoteiros—Sala de armas.

A milhor casa da provincia pelas suas condições higiénicas que desafiam qualquer confronte. Tratamento abundante géneros de 1.ª ordem, e escrupulosamente limpo. Direcção pedagógica moderna. Completa liberdade religiosa, atendendo-se e respeitando-se escrupulosamente as indicações das familias.

Pedir informações à SECRETARIA DO INTERNATO MUNICIPAL—Guimarães

FARMACIA NORMAL

Praça de D. Afonso Henriques, 17 a 20

Abriu no dia 31 de Janeiro êste importante estabelecimento com um sortido enorme de todos os artigos farmacêuticos de maior consumo e de absoluta confiança exigidos pela moderna terapêutica.

— Ao Ex.mo corpo clínico
— Aos seus amigos
— Ao público em geral

participam-no

Manoel Jesus de Sousa & C.ª

DEPÓSITO DE POLVORA DO ESTADO

Agencia da Companhia de Seguros

Portugal Previdente

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes
Completo sortido em molduras para quadros
Papel para forrar casas
Azulejos e mosaicos
Artigos para caçadores, e muitos outros artigos pertencentes a êste ramo de negócio.

DROGARIA: FERNANDES GUIMARÃES & IRMÃO SUC.or

78, Rua da República—GUIMARÃES

"PROSPERIDADE,,

Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Marítimos

SEDE NO PORTO: RUA DE TRAZ, N.º 7-2.º

Agente em GUIMARÃES

António José Peixoto da Costa

Rua da República n.º 144

Instituto Informador Comercial

—DE—

FORTUNA & BARBEDO Limtd.ª

Rua das Carmelitas, 100—2.º—PORTO

Telefone 386 **Telegrafo Forbedo**

Correspondentes em tôdos os pôntos do PAÍS, MADEIRA, AÇORES, AFRICA e tôdos os paizes do ESTRANGEIRO.
Serviço especial de administração, cômpra e vênda de predios e colocação de dinheiro sôbre hipotecas.
Comissões, consignações e cônta própria

VAGO

O REPUBLICANO

Propried. do Centro Democrático Vimaranense

(Publica-se aos sábados)

PREÇO DA ASSINATURA

Ano	1$30 cent.
Semestre	$65 »
Brazil, ano (moeda forte)	2$50 »
Número avulso	$03 »

PREÇOS DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha	6 cent.
Repetição, por linha	2 cent.

Permanentes, contrato convencional.
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.

O Republicano

PROPRIEDADE DO CENTRO DEMOCRÁTICO VIMARANENSE

1.º Ano — PUBLICA-SE AOS SÁBADOS — Num. 43

Ao Cidadão